

Vamos construir um País ou voltar à irresponsabilidade?

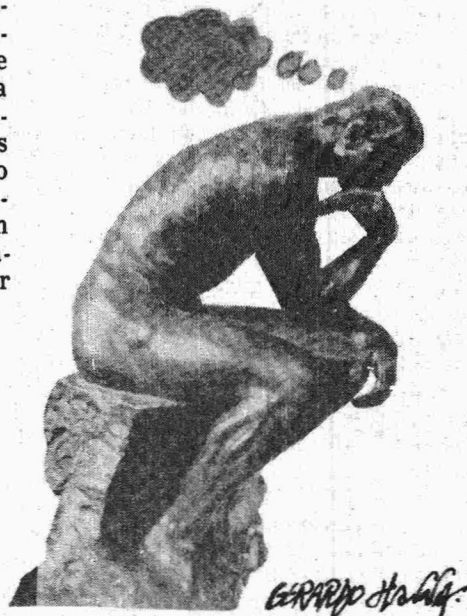
Explosão de vendas, falta de mercadorias, recordes na recuperação de emprego, corrida às bolsas de valores. Tudo, como esta coluna dizia, que iria acontecer, há três ou quatro meses atrás. Tudo, ao contrário do que ministros e economistas diziam, há três ou quatro meses atrás.

Chegou a hora de o Presidente Sarney, o Congresso, a opinião pública darem uma parada, para pensar e decidir o que fazer com este País: aproveitar a oportunidade para crescer de forma ordenada, reduzindo ao mesmo tempo a inflação e enfrentando os problemas sociais? Ou crescer, de novo, de forma desordenada e irresponsável, aumentando a inflação e agravando os problemas sociais (enquanto os ministros continuam a falar de boca cheia em coisas tipo "temos uma dívida social a resgatar")?

Por que é preciso parar para pensar? Antes de mais nada, porque o diagnóstico dos ministros da área econômica e economistas "progressistas", em relação aos problemas do País, es-

tava errado. Segundo eles, o Brasil só poderá crescer, economicamente, se as estatais e o Governo realizassem grandes investimentos chegando-se, através desse raciocínio, à defesa da "necessidade" de manter um "rombo" no Tesouro, de determinado nível e, ainda, aumentar impostos para encontrar recursos para os investimentos. Na época, esta coluna tentou demonstrar o equívoco dessa visão. Agora, é a própria realidade que aí está para mostrar que — como se dizia aqui, naquela época — a situação é exatamente inversa à que os ministros descreviam: com a recuperação dos salários, do mercado de trabalho, a economia entraria num processo de "bola de neve", graças ao aumento da demanda por

parte dos consumidores e das próprias empresas. Assim, acrescentar, a essa demanda, gastos maciços do Governo e suas estatais, a pretexto de "crescer", era (e está claro agora) um erro tremendo, que abria as portas a uma explosão na demanda e poderia criar condições para nova realimentação da inflação, diante da superexcitação do consumo.



O que o Governo Sarney fará agora, se tiver bom senso? Vai rever o diagnóstico dos ministros, e vai abandonar a estratégia que eles pregaram a partir desse diagnóstico errôneo. Isto é, vai reduzir os gastos previstos para Governo e estatais, reduzindo assim o "rombo do tesouro" — e a necessidade de aumentar impostos (que, de resto, nunca existiu: basta combater a sonegação e o desperdício para que a arrecadação alcance os níveis necessários).

Só isso resolveria os problemas do País? Não. Há um problema real, subjacente a essa questão toda, e sobre o qual não se está falando uma palavra — embora dele dependa o próprio



futuro do Brasil. A questão é simples: com a recuperação da economia, os aumentos reais de salários e o nível de emprego continuarão a crescer — e também a demanda por bens e serviços. O que fará (já está fazendo) as empresas começarem a investir na ampliação de suas linhas de produção. Qual o mal disso? É simples: volta-se a um modelo velho, "consumista", com os recursos da Nação sendo destinados à produção e consumo de badulaques cada vez mais sofisticados — por apenas uma parcela da população, enquanto a maioria esmagadora dos brasileiros continuará a esperar "pela sua vez". Continuarão a existir "dois Brasis", com novo aprofundamento do fosso dentro da sociedade — com todos os riscos daí resultantes.

E natural que, dentro de uma economia de mercado, a produção e os investimentos sejam voltados para quem tem capacidade de consumir ("é natural que falte pão para os filhos dos pobres, e sobre comida no prato dos cachorros dos ricos", já lembrava o Prêmio Nobel de

Economia, Paul Samuelson, décadas atrás). Mas no capitalismo moderno, a política econômica do Governo pode e deve evitar que essas distorções, sob o ponto de vista social, cheguem a um ponto insustentável. O que fazer no Brasil, para evitar novo mergulho no "crescimento irresponsável"?

Governo — deve reduzir investimentos das estatais e disciplinar seus próprios gastos. E investir no combate à fome, isto é, na distribuição gratuita de alimentos. Não se trata de assistencialismo. Mas de um novo caminho para crescer, redistribuindo a renda, isto é, aumentando a renda das faixas da população hoje marginalizadas. Distribuir alimentos é sinônimo de criar mercado para crescimento da produção agrícola, da renda dos agricultores, que consumirão produtos industriais de baixo valor, criando emprego nessas áreas — e assim sucessivamente. Outras áreas em que o Governo deve investir (criando emprego e renda, novamente, e atacando o problema social, novamente): saúde, educação, transportes de massas.